

AS EMOÇÕES NA SALA DE AULA E O CINEMA COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO EFICIENTE NO ENSINO JURÍDICO: ANÁLISE DO FILME PRECIOSA: UMA HISTÓRIA DE ESPERANÇA

Mariana Amaro Theodoro¹

"Não se pode falar de educação sem amor". (Paulo Freire)

Resumo: Investiga-se o que é aprendizagem; quando se pode afirmar que o processo ensino-aprendizagem foi bem sucedido e como é possível potencializar a aprendizagem. Considerando que a aprendizagem efetiva ocorre quando os novos conhecimentos chegam à área do cérebro responsável pela memória de longo prazo. Partiu-se, sinteticamente, da análise das estruturas, funcionamento e processamento do cérebro para entender por que algumas informações são lembradas ao longo da vida e outras são esquecidas. Verifica-se até que ponto as estruturas cerebrais responsáveis pela memória de longo prazo, o são também pelas emoções dos seres humanos. Com isso, comprova-se que a emoção é o veículo que impulsiona as novas informações a vencerem as barreiras cerebrais, bem como chegar à memória de longo prazo. Dessa maneira, a fim de potencializar o processo de ensino-aprendizagem e torná-lo atraente e emocionante, defende-se o uso do cinema como recurso didático-pedagógico, na medida em que ao aguçar os sentidos e

¹ Mestranda no programa de Mestrado em Teoria Geral do Direito e do Estado mantido pelo “Centro Universitário Eurípides de Marília – UNIVEM”. Advogada militante nas áreas de família, trabalhista e administrativo; Conciliadora e Mediadora formada pela Escola Paulista de Magistratura, conforme a Resolução 125 do CNJ, e nomeada pelo Juiz do Juizado Especial Cível da comarca de Marília/SP desde 2011 e atuante no Centro Judiciário de Solução de Conflitos (Cejus) da comarca de Garça/SP.

provocar os sentimentos do aprendiz, funciona como um motor para despertar o interesse, garantindo, assim, uma aprendizagem eficiente.

Palavras-Chave: 1. Aprendizagem – 2. Neurociência – 3. Emoção – 4. Cinema – 5. Recurso pedagógico.

Abstract: The emotions in the classroom investigates what learning is; when it can be said that the teaching-learning process has been successful and how you can enhance learning. Considering that effective learning occurs when new knowledge come to the area of the brain responsible for long-term memory. Broke, synthetically, the analysis of the structures, functioning and brain processing to understand why some information is remembered throughout life and others are forgotten. There is the extent to which responsible for long term memory brain structures, are also the emotions of human beings. Thus, it was proven that emotion is the vehicle that drives the new information to overcome brain barrier and reach the long-term memory. This way, in order to enhance the teaching-learning process and make it attractive and exciting, defends the use of film as a didactic-pedagogic resource, to the extent that sharpen the senses and provoke the feelings of the learner works as an engine for awakening his interest, thus ensuring an efficient learning.

Keywords: 1. Learning – 2. Neuroscience – 3. Emotion – 4. Movie – 5. Pedagogical resource

INTRODUÇÃO



ensino é, ao mesmo tempo, ação e efeito. É ação quando uma pessoa, através de um determinado sistema, transmite a outra um conjunto de conhecimentos,

princípios e ideias. Enquanto efeito, o ensino ocorre quando esse conjunto de conhecimentos é aprendido por aquele que recebe a informação. Para isso, é preciso que haja interação entre três elementos: o professor, o aluno e o objeto do conhecimento. Assim, pode-se afirmar que o ensino é um processo de mão dupla: ensino – aprendizagem. Só há ensino quando há aprendizagem.

Considerando, então, a aprendizagem como condição “*sine qua nom*”, para que o ensino ocorra, pretende-se investigar se é possível facilitar e potencializar essa aprendizagem, garantindo que o conhecimento seja realmente assimilado e quais mecanismos podem ser empregados para garantir que as informações sejam apreendidas e armazenadas, de forma que o indivíduo possa se lembrar delas a qualquer momento da vida.

1. A CONTRIBUIÇÃO DA NEUROCIÊNCIA PARA A APRENDIZAGEM

O cérebro, órgão complexo, misterioso, sofreu e sofre inúmeras mutações com o objetivo primordial de garantir a sobrevivência do ser humano. Como a aprendizagem, que aí ocorre, inicia-se, ainda que de forma incipiente, uma verificação de como as novas informações são nele processadas e o que diferencia uma informação que pode ser lembrada daquela que é esquecida. Sabe-se também que a aprendizagem se dá a partir de processos neurais, redes que estabelecem conexões e sinapses reagindo a estímulos do ambiente.

Insta ressaltar que não há a pretensão de fazer um trabalho científico a respeito das conexões cerebrais, já que esse não é o objetivo, nem se tem qualificação para tanto. Pretende-se apenas, superficialmente, entender os mecanismos cerebrais que garantem que uma informação seja realmente apreendida.

A neurociência é o ramo da ciência que estuda o cérebro e todo seu sistema nervoso, considerando o funcionamento

normal e patológico, suas estruturas, mecanismos e interações, bem como a relação entre o comportamento e a mente. No mesmo sentido, a neurociência do aprendizado dedica-se a estudar como o cérebro trabalha com as memórias, como elas se consolidam, como se dá o acesso às informações e como elas são armazenadas².

Aprender significa receber uma informação, processá-la, decodificá-la, reconstruí-la e guardá-la na memória para que possa ser utilizada pelo indivíduo em qualquer momento de sua vida.

Com relação ao armazenamento, Gracioso (2011, p. 35) informa que o cérebro possui uma estrutura conhecida como “sistema límbico (também conhecido como sistema mamilar primitivo), cujas estruturas, a saber a amígdala, o tálamo e o hipocampo, são particularmente importantes para a memória, especialmente a de longo prazo”,

Além de ser responsável pela memória, curiosamente, o sistema límbico também é o principal responsável pela moderação das emoções no corpo humano (Gracioso, 2011, p. 53) e essa interação de funções reflete no armazenamento de novos conhecimentos e informações.

Com relação à amígdala, Amaral J. R., & Oliviera, J. M (1998) citados por Gracioso (2011, p.35) salientam que é a estrutura responsável pela “mediação e controle das atividades emocionais de ordem maior, como amizade, amor e afeição, nas exteriorizações do humor e, principalmente, nos estados de medo de ira e na agressividade³”.

Já o hipocampo é particularmente importante na forma-

² BIANCHI, Lana Cristina de Paula. MIETTO, Vera Lúcia de Siqueira. Neurociência: As novas rotas da Educação. Disponível em: http://www.psiquiatriainfantil.com.br/biblioteca_de_pais_ver.asp?codigo=58.

³ GRACIOSO, Alexandre. Trazendo as emoções para dentro da sala de aula. Disponível em http://acervo-digital.espm.br/revista_da_espm/2011/set_out/07%20Alexandre%20Gracioso.pdf Acesso em 25/07/2014.

ção da chamada memória de longa duração. É nele que as informações serão armazenadas e consolidadas por tempo indeterminado. Experiências apontam que pessoas que, por algum motivo, tiveram o hipocampo retirado cirurgicamente, só se recordam das experiências e informações obtidas até o momento da cirurgia. Após a retirada do hipocampo nenhuma outra informação ou ideia nova será armazenada (Gracioso, 2011).

O sistema límbico é o principal responsável pela memória, porém não é o único. Isso porque, além do sistema límbico, outras áreas cerebrais também são importantes para o aprendizado. Aliás, diversos sistemas e estruturas interligam-se para promover o aprendizado do indivíduo. Cada estrutura cerebral, com seus incontáveis neurônios específicos e especializados, desempenha um papel fundamental na base do aprender. O lóbulo frontal, por exemplo, é fundamental para o controle emocional, manutenção do foco de atenção e criação e gerenciamento da memória (Gracioso, 2011).

O que se pretende salientar é que não é mera coincidência que a principal estrutura do cérebro ligada à memória de longo prazo, também seja responsável pela emoção do ser humano. A memória de longo prazo está diretamente ligada ao envolvimento emocional daquele que aprende.

Toda informação recebida pelo ser humano é processada no cérebro e se sujeita a inúmeros filtros. Como a função precípua do cérebro é garantir a sobrevivência do ser humano, somente o que for relevante para a pessoa superará as barreiras do cérebro e chegará à memória de longo prazo.

O processo de informação tem início a partir de estímulos externos, os sentidos (audição, visão, tato, olfato e paladar) que são verdadeiras portas de entrada para o cérebro.

Todos os estímulos externos, antes de chegarem às áreas racionais do cérebro, passam pelo filtro do conteúdo emocional. Ao passar por esse filtro, a informação oriunda do estímulo é qualificada de acordo com sua importância para a

sobrevivência física da pessoa. Apenas as informações que tiverem algum envolvimento emocional para aquele que as recebeu serão capazes de superar os filtros cerebrais e serão armazenadas de forma que o aprendiz possa lembrar-se delas ao longo da vida.

“A parcela de registros que ultrapassa essa primeira barreira é enviada ao córtex cerebral”, no qual “são processados em áreas relativamente especializadas (em registros visuais, motores, etc.) e chegam às áreas responsáveis pela memória de curto prazo, ou memória temporária” (Gracioso, 2011).

A memória se divide em duas: a de curto prazo, ou temporária, e a de longo prazo. A memória de curto prazo é subdivida em memória imediata e memória de trabalho. Conforme esclarece Gracioso (2011, p. 37), a “memória de curto prazo, ou imediata, somente retém informações por cerca de 30 segundos e serve para a tomada de decisões momentâneas”.

Nesse filtro, tudo o que não for importante para além da decisão imediata que garante a sobrevivência do ser humano é descartado, ou seja, informações sem qualquer importância serão retidas na memória de curto prazo e tão logo serão descartadas. Por outro lado, as informações com algum conteúdo emocional serão capazes de superar esse filtro.

Posteriormente, as informações resistentes estarão sujeitas a outro filtro, que é a memória de trabalho. A memória de trabalho recebe as informações que superaram a memória imediata, tem sua base nos lóbulos frontais do cérebro e visa processar de forma consciente as informações e estímulos externos (Gracioso, 2011).

Nesse momento, as informações são processadas de forma consciente e as ideias e conceitos são decompostos e retrabalhados. O que for relevante será armazenado na memória de longo prazo e o que não for será descartado. Estima-se que o tempo de armazenamento na memória de trabalho seja entre 10 a 20 minutos, para um adulto. Após esse período, a

pessoa perde o foco de atenção e se esquece do assunto.

Posteriormente, após passar por todos esses filtros e bloqueios, a informação chegará à memória de longo prazo, “instância na qual o aprendizado estará preservado virtualmente para toda a vida” (Gracioso, 2011). Nessa instância, a informação adquire sentido e significado. Sentido é obtido quando a informação é fácil e rapidamente compreensível. O significado ocorre quando a nova informação se encaixa no contexto vivenciado pelas experiências anteriores das pessoas.

Aprender não é uma tarefa fácil; muito ao contrário, é uma tarefa que exige um forte envolvimento e uma atividade intelectual nada desprezível: prestar atenção, selecionar, estabelecer relações, conscientizar-se delas, avaliar, etc.

Pode-se dizer que aprendizado é resultado de um processo de mudança de comportamento obtido através da experiência construída por fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais e, graças à capacidade de aprender, o ser humano consegue constantemente se adaptar ao meio em que vive.

Quando a informação não possui sentido nem significado o aprendiz não lhe atribuirá a prioridade necessária para que a informação vença as barreiras cerebrais e chegue à memória de longa prazo. Para que uma informação ou conhecimento tenha sentido é importante que seja atraente, que interesse ao aprendiz, aguce sua curiosidade e pareça-lhe necessária. Quando o aprendiz entende a necessidade, ou prioridade, daquela informação, ela funcionará como motor da ação aprender.

Souza *apud* Gracioso (2011, p. 49) esclarece que se “os estudantes não encontrarem o significado de uma experiência de aprendizado, a chance de se lembrarem dela é muito pequena”. O que não é tarefa fácil, mas compete aos professores ajudar seus alunos a encontra-lo. Além disso, o autoconceito, ou seja, a crença do que é fácil ou difícil de ser aprendido, também influencia o aprendizado. Isso se dá a partir das experiências

vividas pelo ser humano e o pré-dispõe a aprender e dominar determinadas informações ou não. Se a pessoa acredita não ser capaz de aprender uma determinada coisa, o aprendizado estará prejudicado, já que a informação não se consolidará na memória de longo prazo.

As emoções vividas pelo ser humano são capazes de dar prioridade a determinados tipos de informações em detrimento de outro. Basicamente, pode-se afirmar que emoções positivas favorecem o fluxo das informações, através dos sistemas de filtros e possíveis bloqueios até a memória de longo prazo.

Ao passo que, emoções negativas dificultam a fluência das informações através dos filtros do cérebro. Isso porque informações sem qualquer motivação emocional se apresentam como não essenciais ao ser humano e, por isso, não ultrapassam os filtros da memória de curto prazo.

Com essa colaboração da neurociência o processo de ensino-aprendizagem pode ser potencializado, uma vez que o aprendizado efetivo se dá quando as informações são armazenadas na memória de longo prazo, onde o conhecimento estará consolidado e a pessoa se lembrará dele em qualquer momento da vida.

2. A INFLUÊNCIA DA EMOÇÃO NO APRENDIZADO

Sabe-se que a emoção é importante para o processo de aprendizagem. Mas, afinal, o que é emoção? Segundo Ballone (2002) emoção é um complexo “psicofisiológicos que se caracterizam por súbitas rupturas no equilíbrio afetivo de longa duração, com repercussões consecutivas sobre a integralidade da consciência e sobre a atividade funcional de vários órgãos”⁴.

A neurociência veio comprovar, cientificamente, o que inúmeros pensadores já defendiam, ou seja, que cognição está

⁴ Ballone, G. J. A representação da realidade 1: Emoções e sentimentos. Disponível em: <http://www.psiqweb.com.br> Acesso em 25/07/2014.

intimamente ligada à emoção.

O biólogo e epistemólogo suíço Jean Piaget, *apud* Duran, Venâncio e Ribeiro (2004), esclarecem que Piaget:

“foi um dos primeiros teóricos a afirmar que afetividade e cognição são de naturezas diferentes, mas inseparáveis nas ações humanas. Toda ação e pensamento compreendem um aspecto cognitivo, que são as estruturas mentais, e um aspecto afetivo, que serve como uma energética”⁵.

De acordo com Piaget, *apud* Duran, Venâncio, Ribeiro (2004) “não existe estado afetivo sem o cognitivo e, do mesmo modo, não há comportamento cognitivo sem o afetivo”. Esclarecem que, para a assimilação de informação:

“[...] o aspecto afetivo é o *interesse* em assimilar o objeto ao *self* (o aspecto cognitivo é a compreensão); enquanto na acomodação a afetividade está presente no *interesse pelo objeto novo* (o aspecto cognitivo está no ajuste dos esquemas de pensamento ao fenômeno)”.

No mesmo sentido, o psicólogo Lev Semenovitch Vygotsky (1896-1934), *apud* Arantes, também tratou das relações entre afeto e cognição, “postulando que as emoções integram-se ao funcionamento mental geral, tendo uma participação ativa em sua configuração”⁶.

Para tais teóricos, pensadores e tantos outros mais, afeto e inteligência estão intimamente ligados. Aliás, se complementam, já que a emoção é o veículo pelo qual informações e ideias são impulsionadas a superar os filtros e bloqueios cerebrais podendo chegar à memória de longo prazo, quando, então, o aprendizado estará consolidado.

Uma vez comprovado que a emoção é de suma importância para o aprendizado, é evidente ser necessária uma re-

⁵ DURAN, Kelly Marion. VENÂNCIO. Lauro Ramos. RIBEIRO, Lucas dos Santos. *A influência das emoções na cognição*. Disponível em: http://www.ic.unicamp.br/~wainer/cursos/906/trabalhos/Trabalho_E1.pdf Acesso em: 02/08/2014.

⁶ ARANTES, Valéria Amorim. *Afetividade e Cognição: Rompendo a dicotomia na educação*. Disponível em: <http://www.hottopos.com/videtur23/valeria.htm>. Acesso em 05/08/2014.

formulação do sistema educativo tradicional, pautado nos textos escritos, nas aulas expositivas, cujo currículo estabelecido de maneira puramente cognitiva como a matemática, a língua, as ciências, a história, etc., prioriza apenas um dos aspectos constituintes do psiquismo humano, a cognição, em detrimento do outro, a afetividade.

Com o objetivo de envolver o aluno emocionalmente e consolidar seu aprendizado, entende-se que instrumentos pedagógicos diferentes podem ser inseridos na sala de aula para tornar o conteúdo curricular mais atraente. O uso de jogos, vídeo games, internet e, principalmente, o cinema, despertam os sentimentos e proporcionam um conhecimento interdisciplinar, garantindo, assim, o interesse pelo objeto do conhecimento.

Além de uma aula atraente, um professor motivado, que se mostre interessado pelos dilemas e emoções do aluno, é primordial. No mesmo sentido, os sentimentos, as emoções e os valores devem ser encarados como objetos de conhecimento, posto que, tomar consciência, expressar e controlar os próprios sentimentos, talvez seja a tarefa mais difícil do conhecimento: conhecer a si próprio.

3. O CINEMA COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO CAPAZ DE EMOCIONAR OS ALUNOS

Como forma de proporcionar o envolvimento emocional dos alunos e garantir a aprendizagem efetiva, o presente artigo salienta a importância do cinema como recurso didático e de inserção social. Avalia-se a sua extrema importância, porque através dele é possível representar o que é, o que foi e o que poderia ser, ou seja, é possível expressar o real e também fantasiá-lo. O filme não se resume a seu conteúdo explícito. Isso porque, é uma arte que cria e recria a realidade, mediante uma linguagem própria, transmitindo valores, conhecimentos, costumes e ideologias.

Com o passar dos séculos a sociedade foi se transformando e os meios de comunicação também. A partir da segunda metade do século XX e início do XXI inúmeras transformações tecnológicas, garantiram acesso à televisão, internet, jogos interativos, vídeo games modificaram o cotidiano das pessoas. Vive-se uma era, na qual a tecnologia modifica o tempo e o espaço; as distâncias são superadas e o tempo passa num instante. Enfim, não existem mais barreiras físicas entre as pessoas e o modo de se relacionar tornou-se imediato.

Há, também, que se ressaltar que as crianças e jovens sentem-se imensamente atraídos por estímulos audiovisuais. Tal atração é refletida na intensa facilidade com que crianças e jovens aprenderem, cada vez mais cedo, a manipular aparelhos tecnológicos, a decifrar sua linguagem e a vivenciar realidades virtuais.

A sociedade moderna é altamente visual e os equipamentos tecnológicos modificam a forma de viver das pessoas e de entender a realidade em que vivem. Assim sendo, não restam dúvidas de que a presença de aparelhos, cada vez mais repletos de recursos de informação, na vida cotidiana, é um caminho sem volta.

Posto isto, não se pode ignorar a tecnologia ou pretender mantê-la longe dos muros da escola. A maioria dos estudantes de hoje possuem, pelo menos, um celular no bolso com inúmeros recursos tecnológicos. Contudo, no âmbito escolar, há muita resistência contra a sua presença. Ao invés de negar a presença da tecnologia, os professores podem inserir recursos audiovisuais e aproveitá-los a favor do processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, estariam possibilitando aos alunos um meio de garantir seu envolvimento emocional com o objeto de conhecimento.

Dentre as inúmeras opções tecnológicas de que se dispõe, o meio de informação do qual ocupar-se-á o atual estudo, é o cinema, em suas várias vertentes como arte, entretenimento,

mas sobretudo como linguagem de reconstrução da realidade.

Como afirma Carmo (2003) “O cinema como prática pedagógica pode fazer o aluno a se interessar pelo conhecimento, pela pesquisa, de modo mais vivo e interessante que o ensino tradicional, apoiado em aulas expositivas” e leituras de textos escritos.

Conforme já mencionado anteriormente, a emoção é primordial para garantir que as informações sejam processadas no cérebro, superem os filtros e bloqueios e sejam armazenadas na memória de longo prazo. Desta feita, as experiências anteriores do aluno aliadas às emoções facilitam os processos sinápticos e a síntese do sentido e significado das informações. Isso porque, uma vez envolvido emocionalmente, a informação passa a ser considerada importante para a sobrevivência do ser humano e será armazenada de forma a garantir que a pessoa possa dela se lembrar a qualquer momento da vida.

Nesse sentido, nenhum outro recurso é mais eficiente que o cinema, podendo ser utilizado na sala de aula como condutor de emoção. Mediante a exibição do filme é possível representar a realidade e recriá-la, bem como trazer à tona a criatividade, o conhecimento de outras culturas, realidades diversas, etc., tornando o aprendizado prazeroso, o que irá facilitar não só o funcionamento dos neurônios no cérebro, outrossim a sinapse e o funcionamento de todas as estruturas responsáveis pelo aprender.

No entanto, não se trata apenas de apresentar um filme em sala de aula. É necessário que o professor, antes de tudo, seja um apreciador de filmes e tenha conhecimento de sua linguagem, como mediador, deverá auxiliar o aluno, funcionando como elo entre o que o cinema proporciona e o conjunto de conhecimentos a serem construídos na relação de aprendizagem. Desse modo, após a apresentação do filme, o professor pode suscitar um debate criativo, crítico e reflexivo acerca do filme.

É nesse momento que o aluno pode interpretar as imagens, os sons, a linguagem explícita e implícita do filme e refletir sobre valores, ideias e ideologias que permeiam a obra cinematográfica. O cinema como veículo e ferramenta de ensino-aprendizagem oportuniza focar os aspectos culturais, históricos, literários e políticos, proporcionando uma visão integral de mundo e do cinema enquanto mídia educativa.

Acredita-se que o filme é capaz de motivar o aluno de forma positiva, assegurando que as novas ideias e informações sejam realmente apreendidas.

Assim sendo, professor e aluno envolvidos com o processo educativo, interagem ativamente, viabilizam possibilidades e meios de fazer o saber, construindo juntos a aprendizagem.

4. ANÁLISE DO FILME PRECIOSA: UMA HISTÓRIA DE ESPERANÇA

Como já anteriormente mencionado, além da capacidade que o filme possui de provocar os sentimentos do aprendiz há, ainda, o caráter interdisciplinar das inúmeras questões abordadas no filme, o que é de suma importância para que o aluno tenha uma visão global do conhecimento.

A título de exemplificação, elegeu-se o filme: “*Preciosa: uma história de esperança*” (2009), do diretor Lee Daniels, baseado no romance *Push* de Sapphire⁷, cuja obra possibilita visualizar múltiplas questões sociais e pessoais. O filme pode ser discutido de forma interdisciplinar e transdisciplinar, pois trata de questões polêmicas como gravidez na adolescência, violência sexual e maus tratos, bullying no âmbito escolar, além das relações com a vulnerabilidade e com o processo edu-

⁷ Sapphire é o nome artístico de Ramona Lfton, mulher, negra, poetisa performática e autora do livro “*Push*”. Foi professora no Bronx, bairro mais pobre de Nova Iorque e seis alunos eram, na maioria, negros e latinos.

cativo.

Quanto ao público alvo, pode ser apresentado a alunos do ensino médio e superior, especialmente estudantes de direito, sendo capaz de atrair sua atenção, visto que mostra como se constrói a dinâmica familiar em um contexto doentio, para o qual a sociedade tenta fechar os olhos. Permite, também, a compreensão de como a história de vida, o contexto social e a família são importantes na formação da personalidade do indivíduo. Possivelmente, muitos alunos identificar-se-ão com os muitos dilemas enfrentados pela atriz principal, o que levará à empatia e, por consequência, à inserção social dos mesmos.

Para contextualizar é imperioso salientar que o Filme “Preciosa” versa sobre uma adolescente, negra, obesa, pobre e analfabeta, moradora da periferia de Nova Iorque, em meados dos anos 80. É um drama que retrata a vida da jovem Claireece Precious Jones que sofre preconceito e violência na escola, no bairro onde mora e na própria família. Impressiona o fato de o filme não ser uma obra de ficção qualquer e sim um retrato que pode vir a aplicar-se como roteiro real em diversos lares, nos quais crianças e adolescente são, constantemente, colocados em situações de extrema desqualificação e marginalizados, além de frequentemente serem expostas à violência sexual, física e psicológica.

Preciosa é uma adolescente de 16 anos de idade que é expulsa da escola, no início de sua segunda gestação. Ainda, nas cenas iniciais, mostra-se, claramente no filme, que Preciosa é possuidora de uma imaginação muito frutífera. Ela sonha, por exemplo, que seu professor é apaixonado por ela e que irão morar juntos. Tal imaginação mostrar-se-á como um dos mecanismos de defesa para fugir da dura realidade. Sempre que Preciosa é vítima de alguma violência, ela se refugia em seus sonhos, em sua imaginação, como se pudesse, por um instante, esquecer toda a dor, sofrimento e humilhação que suporta no mundo real.

Há momentos do filme em que Preciosa sonha que é uma garota branca, com cabelos longos e loiros, magra e que tem um namorado branco, bonito e rico. Também se imagina uma atriz famosa e, por isso, todos a amam. Nestes sonhos, Preciosa vive o amor que falta em sua realidade. Tais sonhos guardam o desejo de ser aceita, querida, merecedora de atenção e são responsáveis pela sua forte resiliência para a difícil estrutura familiar na qual se encontra inserida.

Também como maneira de defesa, Preciosa mantém-se de cenho cerrado, por vezes agressiva, sem cruzar olhares com ninguém na esperança de ser invisível. Porém, esse seu jeito fechado e agressivo não é suficiente para mantê-la a salvo das agressões físicas e psicológicas que sofre na escola. Vítima de bullying, Preciosa é diariamente humilhada, agredida e achincalhada. Não tem amigos, é apática, e não se envolve nas atividades escolares.

Em razão das agressões sofridas e da realidade familiar, pode-se observar que Preciosa possui baixa autoestima, acredita ser burra, ser inferior, feia e incapaz de realizar qualquer coisa boa. Sentimento semelhante é reforçado no ambiente doméstico, onde Preciosa vive com a mãe, que se mostra extremamente desequilibrada psicologicamente (Estrutura borderline de personalidade: entre a neurose e a psicótica). Acresce-se a isso, outro agravante quando chegar ao conhecimento da diretora da escola que Preciosa está grávida de seu segundo filho. Isso custa-lhe a transferência para uma escola alternativa, constatando-se nessa postura, também, a vulnerabilidade institucional, onde a escola não está preparada para lidar com a situação.

No enredo do filme, aos poucos vai sendo evidenciado, que o filho que Preciosa espera é resultado de uma relação incestuosa com o Pai. Das relações de violência sexual às quais Preciosa é submetida, desde os três anos de idade, podem, provavelmente, originar-se as motivações de negligência por parte da mãe, que nutre por ela um ódio doentio, acreditando

que a adolescente, desde criança, seria sua concorrente nas relações sexuais com o Pai. A mãe de Preciosa é uma pessoa, que se mantém de forma parasitária dos benefícios do Estado, garantidos à adolescente e à sua primeira filha, uma menina com síndrome de Down, apelidada de “mongo”. Ainda no contexto familiar de Preciosa, encontra-se, mesmo que de forma bem rápida e superficial, a figura de sua avó materna, uma pessoa que simboliza a representação do amor, do carinho e da segurança, cuidando da primeira neta, sem, no entanto, ter força suficiente para acolher Preciosa.

Na escola alternativa, denominada “Cada um ensina um”, para a qual Preciosa foi enviada, ela conhece outras adolescentes, também com problemas sociais, em situação de risco e com dificuldades de aprendizagem como ela, que, até então, era analfabeta funcional.

Esse é o segundo ambiente apresentado no filme: a sala de aula da escola alternativa. Local em que a personagem principal tem a oportunidade de pensar e apropriar-se de sua realidade, tendo como facilitadora uma professora que presta acompanhamento individual às dificuldades oriundas da história de vida das alunas tuteladas.

Pela primeira vez, Preciosa irá exteriorizar sentimentos em um diário, relacionar-se sem medo, ter amigas e sentir o amor de alguém. A escola alternativa representa uma chance de felicidade para Preciosa.

Pode-se afirmar que esse suporte social foi o alicerce para a reorientação da história de vida de Preciosa, dando-lhe os meios e encaminhamentos necessários para que se reorganizasse e se instrumentalizasse a fim de enfrentar sua realidade que, além das dificuldades de uma dura dinâmica familiar, incluía, também, analfabetismo funcional, desemprego, baixa autoestima, gravidez na adolescência, AIDS, dois filhos para sustentar.

O golpe que o Filme Preciosa desfere é fazer desmoro-

nar as falsas fantasias ligadas ao ambiente familiar como a célula da sociedade, local de acolhimento, amor, carinho e imune a carências e imperfeições. Muitas crianças e adolescentes são vítimas de abusos morais e físicos dentro de casa. A face grotesca das relações familiares apresentada durante o filme, proporciona a reflexão a respeito do quanto alguns ambientes familiares podem ser terríveis.

Ao se buscar, no caso do Direito, por exemplo, no ordenamento jurídico, alguma lei mais recente, que serviria como amparo para situações nas quais ocorrem violências como as descritas pela história, poderia citar-se o Estatuto da Criança e do Adolescente e Lei Maria da Penha. O Estatuto, caso realmente fosse observado, teria papel imprescindível para a prevenção de situações como estas e a consequente quebra de todo um ciclo da violência, a Lei Maria da Penha como mecanismo e meio reparador para a situação de violência já instaurada.

A proteção estatal não foi capaz de garantir a Preciosa seu direito “à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão” como determina a Constituição Federal, em seu artigo 227. Desta forma, percebe-se que o filme poderia ser utilizado como recurso didático em inúmeras disciplinas como direito, sociologia, psicologia, assistência social, dentre outras.

5. CONCLUSÃO

Aprender não é uma tarefa fácil, exige um forte envolvimento e uma atividade intelectual nada desprezível: prestar atenção, selecionar, estabelecer relações, conscientizar-se delas, avaliar, etc. A importância do aprendizado consiste no fato de se incorporar ideias, valores, sentimentos e conhecimentos,

mediante uma série de fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientes de forma a possibilitar uma mudança de comportamento.

As experiências anteriores do aluno aliadas as suas emoções facilitam os processos sinápticos bem como a síntese do sentido e o significado das informações. Uma vez envolvido emocionalmente, a informação passa a ser considerada importante para a sobrevivência do ser humano e será armazenada de forma a garantir que a pessoa possa dela se lembrar a qualquer momento da vida.

Considerando esses aspectos, acredita-se que o filme deve ser utilizado como recurso didático a fim de provocar os sentidos e as emoções do aprendiz, de forma a fazê-lo interessá-lo pelo objeto do conhecimento, garantindo, assim, que o novo significado chegue à memória de longa duração para que possa ser lembrado no decorrer de sua vida.

Para isso, não basta, apenas, apresentar um filme. É necessário que o professor suscite um debate criativo, crítico e fomenta nos alunos a importância de interpretar a linguagem do filme, seu conteúdo explícito e implícito. Assim, professor e aluno estarão ativamente envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Quando a educação é construída pelo sujeito da aprendizagem, no cenário escolar prevalecem a ressignificação dos sujeitos, novas coreografias, novas formas de comunicação e a construção de novas habilidades, caracterizando competências e atitudes significativas. Nos bastidores da aprendizagem há participação, mediação e interatividade, visto que há um novo ambiente de aprendizagem, remodelação dos papéis dos atores e coautores do processo, desarticulação de incertezas e novas formas de interação mediadas pela orientação, condução e facilitação dos caminhos a seguir.

A Educação como interatividade contempla tempos e espaços novos, diálogo, problematização e produção própria

dos educandos. O professor exerce a sua habilidade de mediador das construções de aprendizagem. E mediar é intervir para promover mudanças. Como mediador, o docente passa a ser comunicador, colaborador e exerce a criatividade do seu papel de coautor do processo de aprender dos alunos.



REFERÊNCIAS

- ARANTES, Valéria Amorim. *Afetividade e Cognição: Rompendo a dicotomia na educação*. Disponível em: <http://www.hottopos.com/videtur23/valeria.htm>. Acesso em 05/08/2014.
- BALLONE, G. J. *A representação da realidade 1: Emoções e sentimentos*. Disponível em: <http://www.psiqweb.com.br>. Acesso em 25/07/2014.
- _____. *Neurofisiologia das emoções*. Disponível em: <http://www.psiqweb.med.br/cursos/neurofio.html>. Acesso em 15/07/2014.
- _____. *Da Emoção à Lesão*. Disponível em: <http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=25>. Acesso em 15/07/2014.
- _____. *Sentimentos e Emoções*. Disponível em: <http://virtualpsy.locaweb.com.br/index.php?art=259&sec=47>. Acesso em 15/07/2014.
- BIANCHI, Lana Cristina de Paula, MIETTO, Vera Lúcia de Siqueira. *Neurociência: As novas rotas da Educação*. Disponível em: http://www.psiquiatriainfantil.com.br/biblioteca_de_pais_ver.asp?codigo=58. Acesso em 18/08/2014.

- BRESSAN, Luiza Liene. MENDES, Marioly-Oze. *Cinema, argumentação jurídica e ensino de direito: reflexões sobre uma práxis educacional emancipatória*. Revista Eletrônica Direito e Política, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciência Jurídica da UNIVALI, Itajaí, v.7, n.3, 3º quadrimestre de 2012. Disponível em: www.univali.br/direitoepolitica - ISSN 1980-7791 Acesso em 12/08/2014.
- CALDAS, Graça. *Mídia, escola e leitura crítica do mundo*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v27n94/a06v27n94.pdf>. Acesso em: 20/07/2014.
- CARMO, Leonardo. *O Cinema do Feitiço Contra o Feiticeiro*. Disponível em: <http://www.rioei.org/rie32a04.pdf>. Acesso em: 18/8/2014.
- CARVALHO, Valeria de Sousa. COSTA, Rodrigo Vieira. *O cinema como ferramenta do ensino jurídico*. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/wordpress/24760.pdf>. Acesso em 2/08/2014.
- CIPOLINI, Arlete. Não é fita, é fato: tensões entre instrumento e objeto: Um estudo sobre utilização do cinema na educação. In *Revista do Centro de Educação Universidade Federal de Santa Maria* [online], 2009, vol. 34, n. 2, p. 265-278. [acesso 2012-11-16]. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reeducacao/article/view/239>. Acesso em 18/08/2014.
- DUARTE, Rosália. *Cinema & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- DURAN, Kelly Marion. VENÂNCIO, Lauro Ramos. RIBEIRO, Lucas dos Santos. *A influência das emoções na cognição*. Disponível em: http://www.ic.unicamp.br/~wainer/cursos/906/trabalhos/Trabalho_E1.pdf. Acesso em: 02/08/2014.

- FANTIM, Mônica. *Mídia-educação e cinema na escola*. Disponível em: <http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistas/article/view/174>. Acesso em 20/07/2014.
- GRACIOSO, Alexandre. Trazendo as emoções para dentro da sala de aula. Disponível em http://acervodigital.espm.br/revista_da_espm/2011/set_out/07%20Alexandre%20Gracioso.pdf. Acesso em 25/07/2014.
- GUERRA, Leonardo Bezerra. *Como as neurociências contribuem para a educação escolar?* Disponível em: http://www.fgr.org.br/site/revistas/revista_5educacao.pdf. Acesso em 12/08/2014.
- PINHO, Ana Carla de Oliveira Melo Costa. *O cinema como prática didático-pedagógica no ensino jurídico: quebrando paradigmas*. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/cadernosdeeducacao/article/viewFile/4957/4162>. Acesso em 25/08/2014.
- SANTANA, Ana Lúcia. *A educação segundo Platão*. <http://www.infoescola.com/pedagogia/a-educacao-segundo-platao/>. Acesso em 1º de agosto de 2014.
- SOLÉ, ISABEL. Disponibilidade para a aprendizagem e sentido da aprendizagem. In *O Construtivismo na sala de aula*. 6ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2006.
- KLAMMER, Celso Rogério. GNOATTO, Dejanira Malacarne. OZÓRIO, Érika Vanessa Kampa. SOLIERI, Mariluz. *Cinema e educação: possibilidades, limites e contradições*. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/setimaarte/images/pdf/cinema-e-educac3a7c3a30-possibilidades-limites-e-contradic3a7c3b5es.pdf>. Acesso em 1º/08/2014.
- KLAUS, Viviane. *Cinema e Educação*. Disponível em:

24782003000200014&script=sci_arttext. Acesso em 1/08/14.

KRUPPA, Sônia M. Portella. *Sociologia da educação*. São Paulo: Cortez Editora, 1994.